

ESCREVIVÊNCIAS NOS CURSOS DE LICENCIATURA EM LETRAS, MATEMÁTICA, FÍSICA E EDUCAÇÃO FÍSICA

WRITING EXPERIENCES IN UNDERGRADUATE COURSES IN LITERATURE, MATHEMATICS, PHYSICS AND PHYSICAL EDUCATION

Marilya Mariany Carnaval 1

Resumo: O relato de experiência apresenta escritas de alunas e alunos dos cursos de licenciaturas em Letras, Matemática, Física no Instituto Federal de Educação de Tocantins, campus Palmas, durante as disciplinas da área de pedagogia, contemplando o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) número 4, Educação e Qualidade. Os textos fazem parte de um exercício de escritas sobre suas experiências e vivências dentro e fora do da sala de aula, tendo como perspectiva a formação de professores intelectuais críticos-reflexivos. O desenvolvimento da escrita durante a formação acadêmica faz parte de um processo de formação. A escrita nos cursos de formação de professores pode oportunizar a descoberta ou redescoberta do que se é, do que se quer ser e do que se acredita. Além de promover práticas educacionais que visem reparar a desigualdade, propiciando novas formas de ver o mundo e de organizar a sociedade em que vivemos.

Palavras-chave: Escrivivências. Formação. Experiência. Escrita. Educação.

Abstract: This experience report presents the writings of students from the Languages, Mathematics and Physics degree courses at the Federal Institute of Education of Tocantins, Palmas campus, during their courses in the area of pedagogy, taking into account Sustainable Development Goal (SDG) number 4, Education and Quality. The texts are part of an exercise in writing about their experiences inside and outside the classroom, with a view to training critical-reflective intellectual teachers. The development of writing during academic training is part of an educational process. Writing in teacher training courses can provide opportunities to discover or rediscover who you are, what you want to be and what you believe in. As well as promoting educational practices that aim to repair inequality, providing new ways of seeing the world and organizing the society in which we live.

Keywords: Writings. Formation. Experience. Writing. Education.

1 Professora substituta do IFTO- Campus Palmas. Pedagoga, mestre e doutora em Educação pela PUC-SP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0088113905078758>. Email: marilya.carnaval@ifto.edu.br

Introdução

O caminho para a transformação da realidade passa também pela indignação com o estado das coisas. Para isso, é preciso conhecimento e estímulo à reflexão. A educação com a finalidade da emancipação humana não é possível com a “superposição dos homens aos homens” (Freire, 1983), uma vez que se configura como prática de dominação, reduzindo a compreensão dos homens a meras coisas (relação entre sujeito e objeto, entre possuidor e objeto possuído). Isso provoca uma visão de mundo necrófila, ou seja, nutrindo-se do amor à morte, e não do amor à vida.

A educação pode ser considerada um instrumento de emancipação humana que acontece na relação entre os homens e com o mundo, em uma relação dialética e como processo de humanização do homem. O trabalho educativo é o ato de produzir intencionalmente nos indivíduos a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto de homens. Saviani em *Pedagogia Histórico Crítica* (2011) argumenta que o “trabalho não material” do homem se expressa na produção de conhecimentos (ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades) sobre a natureza e a cultura.

A educação não é uma mera prática descritiva da realidade ou uma prática pragmática do professor na transmissão de conhecimentos e técnicas, submetida a objetivos impostos politicamente. A formação humana integral visa superar a divisão dos seres humanos entre os que pensam e os que trabalham, produzida pela divisão social do trabalho, pois a humanização plena implica a transformação dessas relações.

Nesse sentido, os Institutos Federais são espaços privilegiados de ensino e atualização do conhecimento, da reflexão crítica, desenvolvimento da escrita, da pesquisa, da experiência e vivências com o outro e consigo mesmo.

O relato de experiência apresenta escritas de alunas e alunos dos cursos de licenciaturas em Letras, Matemática, Física no Instituto Federal de Educação de Tocantins, campus Palmas, durante a disciplina de “Educação e Direitos humanos”, contemplando o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) número 4, Educação e Qualidade.

O desenvolvimento da escrita durante a formação acadêmica faz parte de um processo de formação. Fazem parte das exigências dentro da universidade que os alunos saibam ler, compreender, e produzir gêneros escritos, como ensaios, artigos, relatórios de pesquisa, resenhas, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), artigos bem como gêneros verbais, como seminários, exposições orais.

Para escrever não há fórmulas mágicas ou softwares (tão em voga na atualidade) que consigam solucionar problemas de criatividade, sensibilidade e produção de texto. Clarice Lispector (1998), refletindo sobre a dificuldade da escrita, em *A hora da estrela*, diz “não é fácil escrever, é duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados”. Escrever é o resultado de prática, reflexão e leituras. A produção de textos é uma forma de reorganizar o pensamento de uma pessoa. Dessa forma, a escrita nos cursos de formação de professores, durante as disciplinas da área de pedagogia, contemplando o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) número 4, Educação e Qualidade, pode oportunizar a descoberta ou redescoberta do que se é, do que se quer ser, do que se acredita. Além de promover práticas educacionais que visem reparar a desigualdade, propiciando novas formas de ver o mundo e de organizar a sociedade em que vivemos.

Metodologia

A proposta inicial era de realizar aprendizagens que integrem o pensar, sentir e agir em sala de aula (Ávila, 2022), contrapondo-se à crise da insensibilidade, muitas vezes presentes no meio acadêmico, com foco excessivo do modelo do professor conteudista e tradicional. A ideia que perpassa a escrevivência dos alunos, reunidas aqui, é a de que há vida e sentimentos nas relações estabelecidas entre professores e alunos, entre seus pares e, também, em relação ao próprio conhecimento. Concordando com Ávila (2022),

Uma educação sensível é aquela que pode fornecer aos sujeitos a compreensão do mundo sem perda da visão

da globalidade, sem perda tampouco da sensibilidade - fundamentos importantes ao desenvolvimento humano. Uma educação em que as pequenas grandes coisas da vida estejam presentes e sejam conscientes em nosso fazer diário, sendo valorizadas nos espaços escolares. (Ávila, 2022, p. 23).

Nesse sentido, tive a intenção de trazer formas sensíveis de intervenção didática, aguçando a apreensão e a produção do conhecimento. Em um primeiro momento, nas disciplinas, tive como objetivo aproximar-me dos alunos dos diferentes cursos de licenciatura pela escrita autoral.

Para isso, trouxe a leitura do conto “Olhos d’água” de Conceição Evaristo. Com o intuito de refletir sobre as vivências contidas no texto do conto “Olhos d’água”, problematizando as questões de pobreza, dificuldades e superação da personagem e sobre o conceito de *escrevivência* contida nas obras da escritora. O título do livro surgiu daí.

Após a leitura, os alunos escreveram, individualmente, sobre as suas vivências, dentro ou fora do ambiente escolar, que gostariam de contar para mim (ou para um leitor), através da escrita. O objetivo era compreender as relações com a experiência vivida, com os outros, consigo mesmo, com o ambiente e como representam suas vivências a partir de um discurso narrativo.

Muitos alunos já conheciam e admiravam a escritora Conceição Evaristo e seu estilo literário, indicando e comentando, inclusive, outras obras, como o livro “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” que reúne histórias de 13 mulheres. Nestas histórias predominam as angústias, injustiças, mas, principalmente, demonstrações de força, grandeza e generosidade femininas. No que se refere ao termo “escrevivência”, que dá título ao nosso livro, é importante ressaltar que foi inspirado na escritora Conceição Evaristo. Por isso, é importante explicar um pouco sobre o termo e a relação com a escrita autoral dos alunos.

O termo “escrevivência” vem sendo discutido por estudiosos da literatura afro-brasileira, geralmente em referência à obra literária da escritora Conceição Evaristo. Do ponto de vista da morfologia, estão presentes no termo a junção entre escrever e viver e os sentidos de escrever fatos vividos pelo eu, recuperado pela escrita (Fonseca, 2023).

Segundo a própria escritora, Conceição Evaristo, quando empregou pela primeira vez o termo “escrevivência”, não teve intenção de criar um conceito. Essa afirmação faz parte de uma entrevista concedida por ela ao “Nexo Jornal” em 26 de maio de 2017 (Evaristo, 2017). Respondendo à pergunta feita pelo entrevistador:

Entrevistador: Você criou o conceito de ‘escrevivência’, que é algo muito importante no seu fazer literário. O que é escrevivência?

Conceição Evaristo: Quando falei de escrevivência, em momento algum estava pensando em criar um conceito. Eu venho trabalhando com esse termo desde 1995 - na minha dissertação de mestrado, várias vezes fiz um jogo com o vocabulário e as ideias de escrever, viver, se ver (Evaristo, 2017).

A resposta da escritora sobre os sentidos dados por ela ao termo reforça o fato de sua escrita literária poética e ficcional estar, desde sempre, envolvida com vivências e experiências do eu que se enuncia em suas obras. Além disso, as vivências da sua literatura resultam do contato direto com as histórias contadas por mulheres negras na luta contra a discriminação e a violência, com personagens marcadas pela condição de mulher negra e pobre.

Desenvolvimento, resultados e discussão

A identificação dos alunos com a escrita de Conceição Evaristo não é por acaso. Em sua maioria, são moradores de bairros afastados do centro da cidade de Palmas. Residentes nos bairros

de Taquaralto, Taquari, Lajeado, Miracema do Tocantins, Miranorte, que se caracterizam por regiões marcadas pela desigualdade social, seja pela precariedade do transporte público, pelos índices de baixa renda e escolaridade, além da falta de iluminação pública e violência. Ou que vieram de outras regiões e Estados em busca de um lugar melhor para se viver.

Palmas é considerada, teoricamente, uma cidade planejada, com avenidas largas, preservação ambiental e locais públicos. No entanto, ela é marcada pela falta de um projeto adequado à população como um todo. Sua população é diversificada, formada por pessoas de diversas origens e regiões de classes sociais que vieram em busca de melhores oportunidades de vida. Isso criou grandes desafios sociais. Especialmente na região Sul da cidade, onde bairros densamente populosos enfrentam desvantagens sociais e altos níveis de violência, atingindo principalmente a periferia. Os roubos concentram-se na região Sul e Sudoeste e estão relacionados à segregação espacial a partir da existência de vazios urbanos e a ausência de serviços públicos (Atlas da violência, 2024).

Os alunos assumem, em suas escritas, um lugar de fala que destoava daqueles que se nutrem do “prazer meramente contemplativo” da escrita, do que fala Walter Benjamin (1987), e adotam uma atitude reflexiva que se concretiza na maneira como a escrita procura problematizar as suas condições e experiências de vida. Benjamin menciona a expressão “escovar a história a contrapelo” que significa repensar a História, problematizando-a. A expressão carrega um significado político de ir contra a corrente da versão oficial da história, problematizando a história dos vencidos que foi contada e legitimada na sociedade e sabendo que a mudança não acontecerá graças ao curso natural das coisas ou como um progresso inevitável, mas será necessário lutar. Como é possível observar na escrita de uma aluna abaixo:

Aluna 1: LICENCIAR-SE NA LUTA

Me lembro dos primeiros momentos da vida acadêmica. Em meio a um clima caótico de uma pandemia de enfrentamento de um vírus desconhecido em 2021, existia um início de realização de um sonho. Uma nova etapa na vida de uma jovem, ciclo esse que não imaginava ser tão difícil. Ansiedade a mil, o lindo sorriso tentava esconder o medo que habitava em mim. Medo esse por encontrar uma grande turma cheia de diversidade, níveis de conhecimentos diferentes, professores tão indelicados, cheios de exigências, sem compaixão, tudo isso por meio de uma simples tela de celular. Não havia contato físico ainda, mas havia lágrimas de verdadeiros sofrimentos. Eu sabia que chegar até ali já era uma grande conquista, mas também o peso de continuar parecia ainda maior.

Nem sempre foi fácil conciliar o estudo com as dificuldades da vida fora do ambiente educacional. Até então, eram grandes manhãs de estudos, em seguida uma tarde cheia de contratempos. Era um longo trajeto que durava mais ou menos uma hora e meia debaixo de sol e chuva até o trabalho, chegando lá, passava quatro horas fazendo funções de assistente administrativo, para no final da tarde enfrentar mais duas horas de ônibus superlotados de pessoas que haviam concluído suas missões do dia. Assim era a rotina de segunda a sexta.

Sempre ao final da aula, os almoços eram cheios de reflexões, não chegava nunca uma conclusão se era realmente capaz de continuar. A dúvida da desistência sempre presente, mas carregava em mim a consciência de ser menina preta de periferia, filha mais velha de um casal de costureira e pedreiro que mal concluíram o ensino médio. No meio disso tinha uma certeza que teria força para lutar.

O primeiro período foi um choque de realidade. Os professores pareciam estar falando grego, mas para outros aparentava ser tão fácil. Não tinha apoio acadêmico, não havia amigos, me sentia totalmente perdida. Ao final, a reprovação veio, me sentia sem chão, lágrimas desciam, pois, um evento como esse era inédito. relatei a minha mãe, daí veio o apoio que me confortou dizendo que era assim mesmo, nem sempre seríamos perfeitos. Ergui minha cabeça e comecei o segundo período. Tentei novamente pegar todas as disciplinas do semestre. Em meio às dificuldades acadêmicas, do trabalho, familiar, mentais, entre outros, percebi que seria esforço de mais concluir todas as disciplinas. Entrei em consenso comigo mesmo, que seria necessário desistir de duas matérias, sabia a carga que tinha que carregar de tanta responsabilidade de uma moça tão jovem.

Após todos esses episódios, superei todas as minhas limitações pessoais. Chegou o tempo do retorno presencial do IFTO, já estava acostumada com o sistema das telinhas. Eu lembro o dia que o

coração começou a acelerar novamente. Ao meu redor vários rostos que até então só conhecia por meio das fotinhas dos emails e do WhatsApp, amizades nasceram, tudo começou a florescer. Entre conversas e outras, começamos a compreender que ali todos tinham uma limitação. A dificuldade de locomoção era a mais recorrente entre todos, já que os estudantes residiam em diferentes regiões da cidade, do extremo norte ao sul. Apesar disso, a maioria dos professores demonstrava pouca disposição para compreender essa realidade — afinal, é difícil entender aquilo que não se vivencia.

Essa nova fase abriu as portas para outras dificuldades, mas também foi o pontapé inicial para a conclusão que ser graduada em Licenciatura em Letras seria o meu maior objetivo. O contrato do emprego acabou, conversei com meus pais que queria terminar esse curso, mas trabalhar estava contribuindo com meu fracasso acadêmico. Então, desisti de grandes conquistas para conseguir obter meu sonho. O sentimento era de insegurança, pois via meus amigos do ensino médio conquistando grandes bens materiais e eu só importava com aquilo que preencheria meu coração e a alma.

Entre uma teoria e outra, sentia uma inquietação dentro de mim. Enquanto o curso me permitia estudar sobre métodos e estratégias de ensino, eu só pensava no momento de pôr tudo isso em prática na sala de aula. Cada período que passava parecia adiar essa etapa, pois o estágio tinha pré-requisito, precisava estar com todas as disciplinas até o quarto período concluídas, e até então as disciplinas estavam atrasadas por conta do primeiro e segundo semestre.

O momento chegou, finalmente encontrei uma possibilidade de colocar em ação tudo o que tinha na minha bagagem. Quando a oportunidade de participar do Programa Residência Pedagógica surgiu, foi como um evento mais esperado da vida tivesse chegado. A experiência foi realizada em uma escola de ensino fundamental, no centro da cidade. Mas a população ali ao redor vivia em situação de muita carência social. A estrutura escolar era mediana, o que faltava ali era muito amor e carinho. A conclusão sobre isso, foi um episódio que pedi aos alunos que escrevessem um simples bilhete para quem eles amavam, me deparei com um deles escrevendo em lágrimas para sua mãe. Enfrentei desafios diários, muitas vezes maiores que os conteúdos planejados. Aprendi que ensinar também é acolher, improvisar, resistir – e, sobretudo, aprender com a realidade de cada estudante.

Depois veio o Estágio Supervisionado, e a realidade era quase a mesma. Mas agora era uma escola de um bairro muito distante do centro. Os desafios eram maiores, onde a estrutura era mínima, salas superlotadas, juventudes desmotivadas pelas diferenças sociais de alunos de outras escolas. A ausência de recursos era um bloqueio de criatividade, em meio tantas e tantas teorias e estratégias nenhuma se encaixava na prática do improviso.

Em meio a tanta dificuldade, a sensação de dever cumprido veio na reta final dessa etapa, me senti realizada quando alunos relataram que não haviam produzido uma redação. A partir da minha proposta se desafiaram a escrever o primeiro texto dissertativo-argumentativo. Uma discussão que sempre presenciei na faculdade, é procurar o máximo apresentar propostas próximo a realidade dos nossos alunos. Com isso, a proposta era expressar as suas indignações sobre a desigualdade social no Brasil. Esse tema remete a tudo que era relatado no dia a dia de sala de aula, então eles precisavam só de apoio de escrita, porque era uma insegurança deles. Nesse momento, entre tensões e as descobertas, entendi que ser professora vai além do conteúdo. Somos espelhos e ponte que interliga o que se sonha e o que se vive.

A minha formação foi construída nesse chão duro, entre ônibus lotados, noites mal dormidas, erros e acertos, reprovações e recomeços. A educação, para mim, nunca foi somente um caminho do saber – foi uma prova diária de que eu tenho potencial para seguir com os meus objetivos.

Hoje, quando olho para trás, vejo que o diploma é apenas uma parte visual de uma grande luta. Uma luta feita de esforço silencioso, de conquistas que quase ninguém viu, de lágrimas presenciadas somente por mim. Meu caminho pela Licenciatura em Letras não foi apenas uma trajetória acadêmica. Foi uma afirmação do meu potencial. Pretendo continuar fazendo minha história, para inspirar jovens assim como eu a acreditar no que sonha. Mostrar que desistir não é uma opção para quem pretende mudar sua vida e de todos ao seu redor.

Considerações finais

Ao ler os textos, pude sentir que as histórias se cruzam entre si. Notando, assim, que somos mais parecidos do que diferentes e que nossas vivências carregam uma expressão coletiva. Além disso, é possível sentir a força e a coragem de pessoas que lutam para criar suas próprias histórias, apesar das dificuldades e injustiças marcadas por uma sociedade desigual. Os textos aqui apresentados formam um conjunto de escritas, em um exercício de **escrevivências**, sobre suas experiências e vivências dentro e fora do da sala de aula, em que se pretendeu exercitar a leitura e a escrita, tendo como perspectiva a formação de professores intelectuais críticos - reflexivos (Pimenta e Lima, 2010). Os alunos fazem parte do grupo de pessoas que se movimentam para tornar o mundo um lugar melhor para se viver, abrindo frestas de esperança nas salas de aula. Foi Guimarães Rosa, em *Grande sertão: veredas*, quem ensinou: “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”.

Referências

Atlas da violência 2024: retrato dos municípios brasileiros/coordenadores: Daniel Cerqueira; Samira Bueno – Brasília: Ipea; FBSP, 2024.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Obras Escolhidas** - Vol. I - Magia e técnica, arte e política. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

D'ÁVILA, Cristina. **Didática sensível**: contribuições para a didática na educação superior. (Coleção docência em formação: ensino superior). São Paulo: Cortez Editora, 2022

DUARTE, Constância Lima. Marcas da violência no corpo literário feminino. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves (Org.). **Escrevivências**: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Malê, 2023

FONSECA, Maria Nazareth. **Escrevivência**: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves (Org.). **Escrevivências**: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Malê, 2023

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2010

Rosa, G. 2001. **Grande Sertão**: Veredas. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Recebido em 15 de setembro de 2024

Aceito em 10 de novembro de 2025